

NAIF: BELEZA E SIMPLICIDADE COMO EXPRESSÕES DE CULTURA

José Marcelo Costa dos Santos

Graduando em Artes Visuais pelo PARFOR
da Universidade Federal do Piauí
E-mail: celloilha@hotmail.com

Paula Maria Aristides de Oliveira Molinari

Orientadora, Doutora em Comunicação e
Semiótica, Professora do PARFOR da
Universidade Federal do Piauí
E-mail: paulamolinari@ufpi.edu.br

INTRODUÇÃO

A concepção do que seja ou não seja arte é relativa e bastante subjetiva. O que há na realidade são ações de artistas em diferentes tempos e sobre diferentes aspectos. Não há arte, o que existe é uma atividade intensa de artistas. A obra de arte se constitui como tal pela visão de quem a aprecia, portanto seu grau de importância e significação é relativo (GOMBRICH, 1988).

Segundo esse autor, o que é arte para uns poderá não ser para outros. Por isso, os artistas sofrem críticas injustas quando não se adequam ao perfil dos apreciadores do “clássico”, como é o caso dos artistas naifs, autênticos e muitas vezes, incompreendidos.

Assim, o presente artigo aborda a Arte Naif, enfocando o artista Henri Rousseau. Tem-se como objetivo do trabalho, compreender nuances desse tipo de arte, por meio do conhecimento das características e do fazer desse pintor naif.

METODOLOGIA

Esta pesquisa partiu de uma abordagem teórica, produto de um estudo bibliográfico, de natureza qualitativa, uma vez que partiu de leituras de obras diversas (SEVERINO, 2007), às quais foram previamente selecionadas, com intuito de construir o aporte teórico a partir do registro de fontes consultadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A arte Naif tem como berço o cenário da França do final do século XIX. O termo Naif quer dizer “ingênuo”, em francês, e faz alusão à arte feita por artistas sem preparação acadêmica específica e, portanto, livres de regras e padrões de estética e conceituação. “Os artistas naifs são forçosamente autodidatas no sentido que eles não receberam influência ou dirigismo de um professor de Belas Artes. Eles começam a pintar por impulso e procuram resolver as dificuldades técnicas com meios próprios [...]” (ANDRADE, 1998, p. 32).

Assim, os artistas naifs são indivíduos que desenvolvem naturalmente seus talentos e os aperfeiçoam no decorrer de sua prática artística, tendo desapego à criticidade do público especializado, em relação a suas obras. A rigidez técnica das escolas de arte os exclui de um estilo didático específico, por isso esses pintores foram alvo de críticas e discursos satíricos por parte de muitos catedráticos.

São autodidatas que, embora não tenham a experiência acadêmica, não são inferiores aos que receberam formação nas academias clássicas (ROSSETO, 2013). Apresentam uma obra vasta e de grande riqueza plástica, fazendo uso de cores fortes, que ilustram os cenários, os quais são representativos dos panoramas naturais e sociais da dinâmica das comunidades humanas, em diferentes períodos históricos.

A pintura de caráter naif não compreende um estilo de arte, mas uma criação estética voltada ao desapego e à informalidade, uma obra pintada pela “alma” do artista, que faz uso de traços expressivos e apresenta temáticas voltadas à natureza e à dinâmica social vivenciada pelas massas.

De acordo com D’Ambrosio (2013), não há como aferir uma definição plena para o termo acima, pois toda tentativa ainda seria limitada, contudo, em caráter didático, Naif seria o indivíduo que mede e constrói seu padrão a partir de si mesmo, de sua identidade artística, a qual fora construída sem chancela acadêmica, e que permite ao pintor manifestar-se livre, único e originalmente.

O cenário (França) em que desenvolve esse tipo de arte é o do Romantismo. Tem-se na Europa um período de mudança, uma transição entre os séculos,

marcada pelo nascimento de um novo poder, a burguesia. A Revolução Francesa e a independência dos Estados Unidos engendram na Europa um senso de efervescência sobre ideias liberais. Na economia ocorre um processo de expansão da Revolução Industrial, a qual fora iniciada na Inglaterra, ainda no século XVIII.

Sendo assim, a Arte Naif se desencadeia como uma busca individual de expressar a beleza e o fascínio da realidade e do cosmo por meio de pinturas que espriam a liberdade e a nobreza do artista, em sua simplicidade e rusticidade. Não tendo apego aos catedráticos da época, essa manifestação de arte, em se tratando de didática de estudo, costuma ser apresentada a partir dos trabalhos de *Henri Rousseau* (D'AMBROSIO, 2013).

Sendo considerado o precursor da Arte Naif, esse autodidata buscava inspiração para suas telas no cenário parisiense, frequentava o Jardim Botânico, observava a dinâmica natural dos seres que lá habitavam e, envolvido por uma habilidade artística peculiar, reproduzia em suas telas trabalhos de uma beleza imensurável, mas que não o excluía de sofrer as sanções e a dureza das críticas dos especialistas em arte da época, que o repeliam pelo fato de conceberem a expressão desse artista como inválida, dados as conveniências estéticas daquele período.



Tela The Dream, 1910

Tinta a óleo - 2,04 m x 2,98 m

Localização: MOMA em NYC

Rousseau (1844/Laval – 1910/Paris) só estreou oficialmente quando o Salão dos Independentes fora fundado, em 1884, pela Sociedade dos Artistas Independentes (Paris), da qual faziam parte artistas como *Dubois-Pillet* e *GerorgesSeurat*. Rousseau teve uma grande importância para história da arte, pois ajudou a iniciar o movimento modernista na pintura.

“Seus trabalhos faziam parte da primeira coleção de arte marginal de que se tem notícia, reunida por Georges Courteline, nos fins do século XIX, e recebendo deste a denominação de Museu dos Horrores”(FROTA, 1978, p. 07).

Mesmo com os rótulos pejorativos, esse artista não desistiu de sua arte, a qual fora reconhecida e apreciada por célebres do campo como, Odilon Redon, Gauguin, Toulouse-Lautrec, Picasso, Matisse, Signac e muitos das gerações vindouras. A arte de Rousseau anunciou, em requinte de vanguarda, o que o futuro consagraria como uma verdadeira obra-prima.

Vale ressaltar que, no Brasil, a arte Naif começa a ganhar ênfase no século XX. Nomes como Heitor dos Prazeres, Cardosinho e Sílvia começam a merecer destaque. Na versão brasileira, essa arte reflete nas telas dos artistas, o panorama social do país, por meio de cores fortes, retratando a exuberância do Brasil. Além desses artistas, merecem menção: Agostinho de Freitas, Alba Cavalcanti, Aparecida Azevedo, Bebeth, Chico da Silva, Crisaldo, Dalvan, Elza O.S., Ermelinda, Gilvan, Gerson, Grauben, Kléber Figueira, Lia Mitterakis, Miranda, Pedroso, Walde-Mar, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da presente pesquisa foi possível compreender que um artista naif não cria uma obra de arte, preocupado com o que irão pensar dela, ele expressa sua forma a partir de uma impressão única de códigos particulares que não se prendem a estudos acadêmicos, mas que a estes podem interessar.

O pintor naif constrói a partir da simplicidade das coisas, dos objetos, dos seres. Pinta o que conhece, sem imitação, apenas com um toque sutil da criatividade que a ele é investida pela atividade constante de fazer e produzir arte.

Assim, percebeu-se que ao longo da história os representantes dessa manifestação de arte sofreram com as duras críticas, por parte daqueles que não compreendiam que, para desenvolver um talento singular não é necessariamente obrigatória a passagem por uma escola clássica de arte.

Sendo assim, artistas como Henri Rousseau (na França) e Heitor dos Prazeres (no Brasil) são genuínos representantes de uma tendência de arte que influenciou o

mundo da pintura e que, ainda na contemporaneidade, são ícones de representação da habilidade humana de fazer arte com criatividade e originalidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, G. E.; ARDIES, J. **A Arte Naïf no Brasil**. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.

D'AMBROSIO, Oscar Alejandro Fabian. **Um Mergulho no Brasil Naif**: a bienal naifs do Brasil do SESC Piracicaba 1992 a 2010. São Paulo, 2013. 202 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013. Disponível em: http://tede.mackenzie.com.br/tde_arquivos/6/TDE-2013-06-23T144350Z-1636/Publico/Oscar%20Alejandro%20Fabian%20DAmbrosio.pdf. Acesso em: 18 jul. 2015.

FROTA, Lélia Coelho. **Mitopoética de Nove Artistas Brasileiros**: vida, verdade e obra. Rio de Janeiro. FUNARTE, 1978.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Trad. Álvaro Cabral. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

ROSSETO, Mariana. **Arte Naïf**: Da Santa Ceia aos Orixás. 2013. 101 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013.